

O que os nossos antepassados nos ensinam
sobre a vida em terras de chuva escassa

SEDE



«Um dos livros mais importantes do ano.
Alucinante em muitos aspetos, magistral em todos os sentidos.»

SERGIO DEL MOLINO

VIRGINIA MENDOZA



*Ao Dani,
que me fez voltar a escrever.*

*À minha avó Francisca,
que aqui aparece no presente e no passado e que deixou sem resposta
a última pergunta.*

*Aos meus pais e ao meu irmão,
com quem partilhei a sede.*

*À memória da Fati e da Marie, mãe e filha,
que morreram de sede no meio do deserto líbio quando eu estava
a terminar este livro.*

ÍNDICE

<i>Prólogo</i>	11
PARTE 1: A VIAGEM DA SEDE	31
1. Toucinho do céu	33
2. <i>Homo sitibundus</i> : a grande viagem	65
3. Aprender (e apreender) a água	83
4. Esperar pela chuva	95
5. Sob terra seca	126
PARTE 2: CONTROLAR A CHUVA	163
6. Os cornos do céu	167
7. Deus desceu à terra	198
8. Fazedor de chuva	217
9. Sed(ição) e sacrilégio	241
10. Os pés no chão, o olhar no céu	268
<i>Epílogo</i> : O êxodo dos sedentos	291
<i>Agradecimentos</i>	315
<i>Bibliografia</i>	319
<i>Legendas e créditos das imagens</i>	325

*De que deserto antigo és memória
tu que tens sede e na água te consomes
e que elevas o corpo morto em direção ao espaço
como se a água fosse do céu?*

ALFONSINA STORNI

Os homens humedeceram os lábios, conscientes da sua sede. E todos sentiram um certo medo.

JOHN STEINBECK

Tem de ser certo, senhor, estas ervas devem ser a prova de que por perto haverá uma fonte ou um ribeiro que humedece a terra, e por isso faremos bem se avançarmos mais, em breve encontraremos onde aliviar esta terrível sede que nos cansa e que sem dúvida nos causa mais sofrimento do que a fome.

SANCHO PANÇA

*Claro que Deus existe.
É mulher
e chama-se Chuva.*

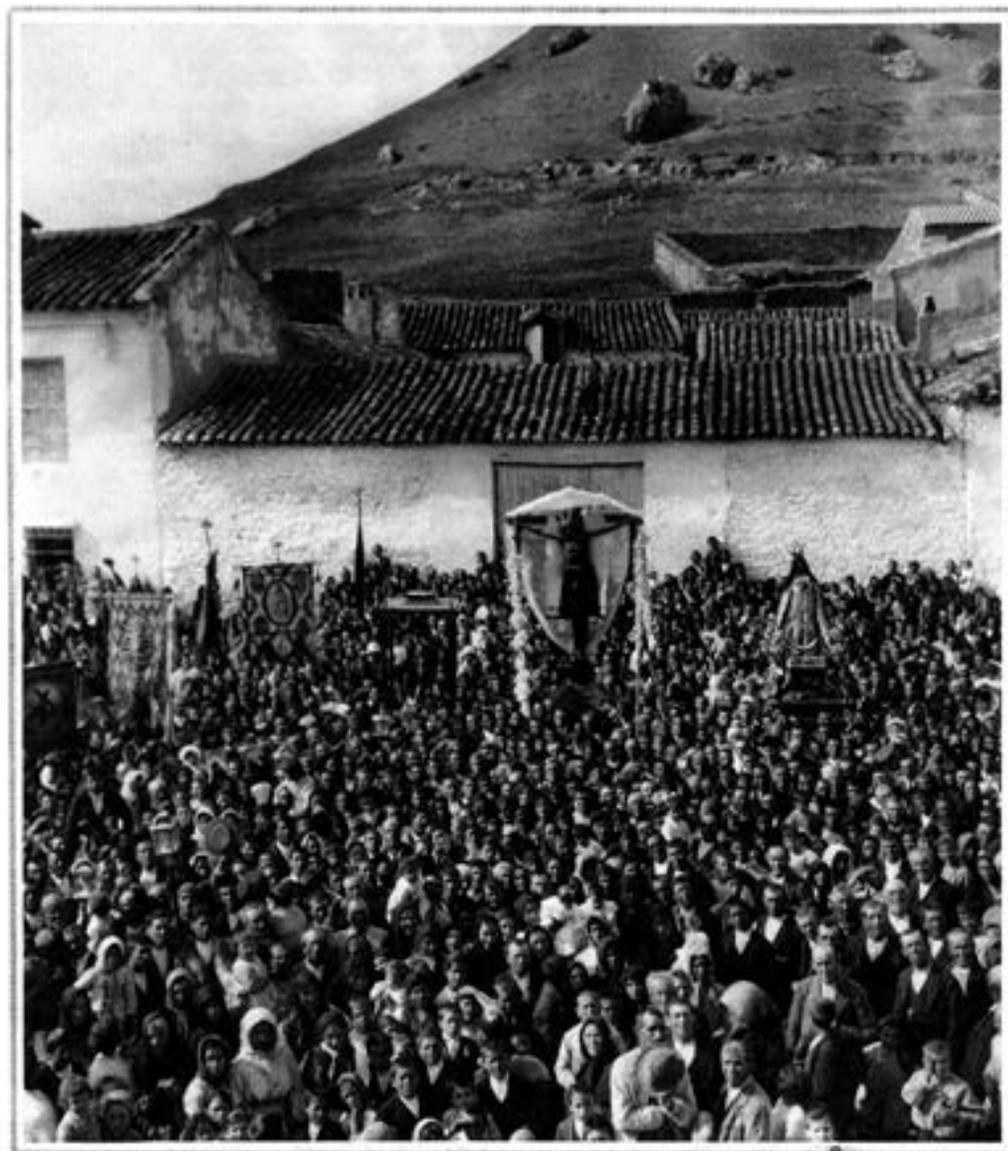
GUSTAVO DUCH

NUMERO EXTRAOR-
DINARIO 20 CENTI-
MOS. AÑO DECIMO-
OCTAVO. ㊄ ㊄ ㊄

ABC

NUMERO EXTRAOR-
DINARIO 20 CENTI-
MOS. AÑO DECIMO-
OCTAVO. ㊄ ㊄ ㊄

MADRID: UN MES, 3 PESETAS. PROVINCIAS: TRES MESES, 9. EXTRANJERO. SEIS MESES, 28 PESETAS
REDACCIÓN Y ADMINISTRACIÓN: SERRANO, 55, MADRID. APARTADO N.º 43



MONTIEL (CIUDAD REAL). UNA ROGATIVA

LA IMAGEN DEL SANTÍSIMO CRISTO DE LA INSPIRACION EN LA PROCESIÓN DE ROGATIVA CELEBRADA CON MOTIVO DE LA SEQUÍA
(FOTO SOLERA)

PRÓLOGO

E ainda não tinha passado tempo suficiente quando me dei conta de que tinha sede e de que não levara água. Pensei esperar um pouco antes de ir buscá-la, mas depois lembrei-me de que existem coisas como a sede, como a morte, como o amor, das quais não se pode fugir, e que, mais cedo ou mais tarde, teria de ir.

NÚRIA BENDICHO GIRÓ, *Tierras muertas*

Não quero nem posso esquecer-me do lugar de La Mancha onde conheci a sede. Uma banheira velha, rodeada de tachos e panelas, esperava pela chuva no curral dos meus avós maternos. Muito perto dali, a água do rio Villanueva começou a escassear e deixou de chegar às hortas de Villanueva de la Fuente (Ciudad Real). Alguns agricultores perderam as suas colheitas e uma mulher teve de vender as vacas. O abastecimento também se ressentiu. O aquífero 24 (no Campo de Montiel), de onde brotava o seu rio, ficara praticamente seco. Embora lhes tivessem dito que a culpa era da chuva, que não caía, os habitantes locais havia já muito suspeitavam que ali se passava mais qualquer coisa. Em plena

seca, enquanto as suas plantações morriam, umas maçarocas cresciam, esplendorosas, ao longo de quase mil hectares, com a ajuda de um moderno sistema de rega na quinta de um duque. Em agosto de 1987, os habitantes de Villanueva de la Fuente e de outras povoações próximas, como Albaladejo, Villahermosa e Montiel, organizaram uma manifestação. Foram até à quinta com bilhas de barro viradas para baixo e cartazes que diziam «Temos sede!», «Queremos a nossa água». Mas nada mudou.

O dia 15 de agosto calhou a um sábado e as pessoas de Villanueva, já convencidas de que a sua sede pouco tinha que ver com a ausência de chuva, derrubaram quatro dos postes que forneciam eletricidade à quinta das maçarocas. No domingo de manhã, quando viram que os operários da companhia de eletricidade os tentavam reparar, voltaram a deitar abaixo os quatro postes e mais dezanove. Quem foi? «Fomos todos», responderam. Na vila havia umas três mil e quinhentas pessoas durante todo o ano, e muitas mais, o dobro, em pleno agosto. Protagonizaram a sua própria *Fuenteovejuna* sem sangue: «Aqui ninguém é cabecilha, se é isso que o senhor quer saber. A vila somos todos, e, sim, supo-nhamos que se andava a dizer que alguém estava a arranjar os postes da luz, íamos todos a correr para impedir, mas vamos só com os nossos braços, sem armas, porque nós não queremos violência, só exigimos o que é nosso, água», disse um dos entrevistados a Luis Otero na praça. O jornalista tinha chegado e perguntado pela mulher que vendera as vacas. Chamava-se Julia, mas naquela altura os vizinhos começaram a chamar-lhe Agustina de Aragón. Era uma idosa que resistia e espicaçava os outros com pequenas estrofes que ela mesma compunha, destacando-se simultaneamente como líder e cronista da revolta do seu povo.

A frase que um habitante de Villanueva de la Fuente ofereceu ao *El País* resume o que ali aconteceu: «A água que Deus nos deu sempre foi nossa, até que aquele homem pôs uma rega nas suas espigas.» Responsabilizavam o filho do duque pela sua sede,

por ter construído uns poços com quase cento e cinquenta metros, ligados a um sofisticado sistema de rega e que acabaram com a água de todos. Mas também desconfiavam havia muitos anos do ganadeiro da quinta confinante. «Dissemos seca, sim, mas são as herdades que estão a esgotar as nascentes e as lagoas de Ruidera», contou-me Juan Ángel Amador, o presidente da Câmara que teve de lidar com a guerra da água desde o início do seu mandato. Veio a polícia de choque, dizem, cerca de duzentos homens. Mas a iniciativa correu de tal forma bem aos habitantes amotinados, que acabaram a aplaudir os polícias quando o presidente da Câmara conseguiu interromper a reparação dos postes. E o rio voltou a ter água. A justiça deu-lhes razão e, dois anos depois, o aquífero foi declarado sobre-explorado.

Naquele verão, a polícia de choque teve de atuar numa outra vila. Se em Villanueva os habitantes se recusaram a deixar reparar os postes que levavam eletricidade à quinta das maçarocas, em Riaño (Leão) subiram aos telhados das casas e recusaram-se a descer. Foi a sua forma desesperada de resistir a um despejo que acabaram por não conseguir travar e que culminou com a inundação da vila e de outras oito povoações — duas delas parcialmente — pelas águas de uma barragem destinada à rega e à produção de hidroeletricidade.

As fotografias de imprensa daquele verão provam que nós, os sedentos e os afogados, partilhamos a mesma história e somos duas faces da mesma moeda. Enquanto algumas crianças iam até ao fundo seco do rio em Villanueva para protestar, uma criança subia ao telhado de sua casa para travar a inundação da sua terra. Todos foram fotografados.

A sede continuou por aqui porque nunca faz visitas breves e, pouco depois, regressou com uma nova seca. Em Espanha e noutros países mediterrânicos, sucedem-se secas cíclicas que costumam durar três ou quatro anos por década. No verão de 1992, quando Espanha se dividia entre os que dormiam a sesta

e os que esperavam que Miguel Induráin ganhasse a Volta a França pela segunda vez, na minha vila, Terrinches, continuávamos a pensar na água e pouco mais. A água que não vinha, a água que nos expulsaria se continuasse a escassear. Os mais velhos viviam à beira do desespero, e foi então que aprendi a valorizar a água como só valorizamos aquilo que perdemos. Tornou-se uma entidade misteriosa que, durante algum tempo, só aparecia com a ajuda de camiões-cisterna e das mãos do meu avô Norberto. Na vila, ainda há depósitos de água nos terraços para o caso de voltar a acontecer.

Como a sua ausência se tornou normal para mim, guardo apenas pequenas imagens daquele tempo, como as que precedem as recordações propriamente ditas, e nelas há água. São cenas que me marcaram porque o habitual era não haver. O meu avô metido num buraco à procura de umas gotas que encaminhava para um pequeno tanque para regar o terreno. O meu avô a ir da horta para o curral para se lavar com panelas. Os banhos partilhados em família porque era preciso poupar e reutilizar até à última gota. Só nos faltou espremer o ar. Tudo servia para apanhar a água que mal caía e que depois, às vezes, era guardada como um tesouro, mesmo quando já não servia para quase nada. Talvez seja por isso que tenho uma imagem muito nítida dos girinos que nasciam e proliferavam num bidão de gasolina. Aquela seca, que se prolongou até 1995, deixou as barragens espanholas com 15 % da sua capacidade e secou o poço artesanal de onde a vila bebera durante séculos. Enquanto os meus vizinhos iam para outra povoação pedir chuva aos santos, houve quem propusesse que se trouxesse um icebergue com rebocadores para o Guadalquivir, a cuja bacia hidrográfica Terrinches pertence, para aumentar o caudal do rio. Era isso ou transferir a população sevillhana. A ideia de rebocar um icebergue não era nova: já se tinha pensado nisso em Benidorm em plena seca, quase duas décadas antes.

No livro *O vento da lua*, de Antonio Muñoz Molina, há um rapaz fascinado com a chegada do Homem à Lua numa vila de Jaén tão árida como a minha e muito perto dela. Pedro, o tio do protagonista, tem a disparatada ideia de instalar um duche no curral. «Mas aqui só podemos lavar-nos se trouxermos água do poço numa panela e a entornarmos numa bacia lascada. A água corrente é um sonho tão longínquo como a chuva pontual e abundante na nossa terra áspera», escreveu. Também em Terrinches houve um visionário que jurava ter o duche no curral quando ninguém tinha água corrente em casa. Quase tudo o que Muñoz Molina conta sobre essa bacia lascada no curral e outros cacos da sede me é familiar como se tivesse crescido nessa mesma casa. Embora a história decorra trinta anos antes e num outro local, é a história da banheira e dos tachos que esperavam pela chuva e que substituíram as galinhas no curral dos meus avós. Tenho até fotografias dos meus primeiros banhos sozinha, não porque isso fosse uma prova de crescimento infantil, mas porque era um luxo que era preciso imortalizar, como aquelas coisas que ninguém sabe quando se repetirão.

O meu avô era o encarregado das águas da vila. Além de varrer as ruas, de plantar árvores, de anunciar as mortes e de soltar o terço que envolvia os pés dos mortos antes de chegarem à sepultura, encarregava-se da sede dos vivos, através de uma torneira no depósito de águas pluviais. Eu costumava ir com ele. À tarde, via-o descer por uma escada de metal até ao submundo e cortava a água da vila rodando a torneira. De certo modo, aquilo era uma novidade. A água canalizada demorou a chegar às casas de Terrinches. Aí só as imagens de D. Quixote e da Virgem de Luciana eram comparáveis em veneração à bilha com a qual formavam uma trindade. Pousada num local que parecia um altar, a bilha brilhava, imponente. Para não perder nem uma gota da água trazida da fonte, para que as moscas não a roubassem, a minha avó punha-a em cima de um prato e dava um laço

na tampa de croché que fizera à medida. A nossa história está condicionada pela nossa relação com a água. Mas o nosso vínculo com a água está ligado ao receio de que volte a abandonar-nos.

Contaram-me que, no verão de 1992, seco como um presunto fumado, houve dias em que o meu avô só abria a água da vila durante meia hora. Então era preciso correr para tomar um duche, lavar a loiça, beber. Às vezes, nem dava tempo para fazer o programa rápido da máquina de lavar, e eram a minha mãe e as minhas tias que iam abrir e fechar a água enquanto o meu avô percorria a vila a avisar os vizinhos. Não sei se foi por causa da pressa desses dias, mas meio dedo mindinho do meu avô ficou para sempre na porta do depósito e quando ele cortava o pão com a navalha, ou pegava numa bota ou na bilha, eu via o meio mindinho a apontar para qualquer lado onde normalmente eu estava, ou para o teto. Brincávamos com a minha avó porque ela não se atrevia a usar a máquina, tapava-a com um *naperon* e continuava a lavar a roupa à mão com o seu sabão caseiro de azeite e bicarbonato. Agora percebo que o culto da máquina de lavar não se devia apenas ao receio de que explodisse ou se estragasse com o uso.

Nesse ano, os vídeos caseiros estavam na moda, e na Espanha húmida, de clima eminentemente continental, uma barragem inundou Acedo (Ourense) perante o olhar atónito de Paco Villalonga, o habitante que gravou tudo com a sua câmara porque já nada mais podia fazer. Os outros habitantes tinham-se entrincheirado na Câmara Municipal com cartazes que diziam «Estamos em greve de fome porque temos a dignidade que falta ao Governo espanhol» e «Alto Lindoso. Morte e destruição de 200 famílias rurais. Violação. Direitos humanos. Ouve-nos!». Mas não ouviu. Quando tinha cinco anos, não me apercebi de nada disto, mas, mais tarde, Paco contou-me que quando a água da barragem estava baixa, ia até às ruínas de sua casa e comia uma sanduíche enquanto via brotar água de uma pequena fonte, porque nem a sepultura de água parada que é a barragem tinha conseguido pará-la.

Agora que pergunto o que nos aconteceu, contaram-me que um ganadeiro (o mesmo que os habitantes de Villanueva acusavam) nos deu finalmente acesso a um dos seus poços e disseram-me que é essa água que, em grande parte, a vila continua a beber desde 1995, graças à ajuda da Divisão de Obras Públicas, que financiou as obras de canalização e abastecimento para que a água nos chegasse depois de percorrer vinte quilómetros. A história é contada com gratidão. Mas o acordo de cedência, assinado no final de agosto desse ano, termina dizendo que a autorização poderá ser cancelada pelo cedente «quando este assim considere conveniente por qualquer motivo, que em caso algum terá de justificar, bastando para isso um pré-aviso de dois meses ao município beneficiário, sem que este possa opor-se ao mesmo nem exigir qualquer indemnização». Portanto, a sede de uma povoação depende quase exclusivamente da vontade de um homem, ou melhor, de algo que não existe: a vontade de uma sociedade anónima.

A nossa sede é a sede histórica das povoações da Espanha seca — que constitui três quartos da península em que vivo —, na qual predomina o clima mediterrânico e que, em alguns locais, chega a ser uma estepe e um deserto, e a sede dos nossos antepassados mais remotos. Nesta zona de Castela-La Mancha, nem sequer chegamos a ter uma média anual de quatrocentos litros por metro quadrado, que é a média da comunidade autónoma. Partir porque não há água, partir porque a água vai chegar. É um país de sedentos e de afogados pela sede. Essa é a história que esquecemos quando abrimos a torneira e que temos gravada nos genes. Mas já vem de trás, de longe, e tem que ver com os habitantes humanos da Terra. A nossa família, o nosso género e a nossa espécie surgiram quando o mundo e a África Oriental atravessavam picos de aridez. Os fósseis mais antigos dos nossos antepassados foram encontrados no leito baixo de um rio africano, o Awash, e as primeiras civilizações surgiram também

junto a rios em plena seca. A sede esteve por trás das grandes adaptações anatômicas e metabólicas, de inovações, de revoluções e de colapsos ao longo da história humana. Nas próximas páginas, veremos como quase tudo o que define a nossa espécie surgiu e se desenvolveu durante alterações climáticas em que alternaram a humidade e a aridez. A enésima crise climática não deveria surpreender-nos: somos seus filhos. Mas talvez haja na surpresa um pouco de culpa.

Esta história decorre na era Cenozoica, durante a qual surgiram no mundo os nossos antepassados e quase tudo o que ainda nos alimenta. Embora comece com a Lucy no período Neogeno, passa-se sobretudo no período Quaternário, em que ainda nos encontramos. Este período engloba duas épocas, o Pleistoceno e o Holoceno — ainda vigente —, separadas precisamente por uma alteração climática. Durante todo esse tempo, dezenas de milhões de anos, foram vários os ciclos frios-secos e quentes-húmidos que se sucederam. Os períodos climáticos são como matrioscas. Por isso, embora estejamos numa fase de aquecimento, o mundo está há cerca de cinquenta milhões de anos a arrefecer e a secar, paradoxo que, sem ter essa intenção, estimula o negacionismo climático. A certa altura, iniciou-se uma fase de instabilidade com sucessivas transformações nessa tendência global. Há dois milhões e seiscentos mil anos, o mundo entrou num ciclo constante de eras glaciais e interglaciais e, nesse momento, surgiu o ser humano. Estamos há onze mil e seiscentos anos numa era interglacial, que, por sua vez, teve também fases gélidas. Resumindo, por muito estranho que pareça, a Terra aquece e arrefece alternadamente. Isto acontece, em grande medida, porque alterámos a tendência natural do nosso planeta desde o Neolítico, sobretudo nos últimos trezentos anos.

Embora algumas das alterações climáticas mais relevantes que surgem ao longo deste livro estejam associadas a causas extraterrestres, como a explosão de cometas ou a redução

de manchas solares, veremos que se devem sobretudo a causas astronómicas relacionadas com o lugar que a Terra ocupa e a sua posição relativamente ao Sol, com a forma da sua órbita e com a inclinação do seu eixo de rotação. Além disso, neste período ocorreram alterações climáticas por razões geológicas, como movimentos de placas tectónicas, terramotos, erupções vulcânicas e alterações das correntes oceânicas. Frequentemente, algumas destas causas convergem, porque o nosso sistema climático depende de vários fatores, como a atmosfera (que, além de nos permitir respirar, também se encarrega de manter uma temperatura média de quinze graus através dos seus gases de efeito de estufa), o efeito de estufa (que, no seu estado natural, equilibra a energia que a Terra emite e recebe, mas que aumentámos artificialmente, contribuindo para um aquecimento global), as correntes oceânicas (que contribuem para este equilíbrio graças à sua interação com a atmosfera) e, por fim, a radiação solar. É preciso acrescentar a tudo isto um novo detonador: nós e as nossas ações.

O clima levou-nos quase à extinção: somos os descendentes dos poucos humanos (cerca de mil e trezentos) que sobreviveram ao frio e à aridez há menos de duzentos mil anos. Mas também não saímos vitoriosos da última glaciação, embora os *Homo sapiens* tenham sobrevivido. Apesar disso, as alterações climáticas quase não foram abordadas pela ciência até 1988. Nesse ano, o verão foi abrasador e seco nos Estados Unidos, onde os incêndios proliferaram. Perante o desespero causado pelo calor insuportável que se fazia sentir no Senado norte-americano, o aquecimento global acabou por tornar-se um tema de interesse público. No entanto, noutros locais, como em Espanha, continuou a ser malvisto falar-se do tempo, e ainda hoje se considera que é o tipo de conversa banal usada para sobreviver ao incómodo de partilhar o elevador com desconhecidos. Mas o clima, que parecia tão insignificante, foi a razão pela qual alguns dos nossos antepassados chegaram

ao lugar onde nascemos e, muito antes disso, a razão pela qual os seus antepassados tiveram de abandonar África.

Não podemos passar do menosprezo pelo clima para a negação das suas variações, isso seria como renegar LUCA (o Último Antepassado Comum Único que deu origem à sigla em inglês) só porque não nos apetece descender de uma bactéria, seria como não aceitar que somos parte da Natureza, que é mutável. As alterações climáticas sempre nos acompanharam e nos levaram a evoluir, a migrar, a inovar e a misturar os nossos genes. São parte de nós e nós parte delas. A revolução cognitiva colocou a primeira pedra da liberdade que hoje temos. Mas a liberdade implica responsabilidade. A cultura prometeu-nos, com o beneplácito da Natureza, uma independência que parecia absoluta. Mas as coisas não são assim. O tempo não *enlouqueceu* e se fugirmos da nossa responsabilidade apenas nos afastaremos dessa liberdade e nos tornaremos ainda mais vulneráveis. Essa fuga também pode levar-nos a um genocídio, sobre o qual teremos de prestar contas no futuro, como nos alertou David Lizoain no seu livro *Crimen climático*. E não servirá de nada cair no pessimismo, porque pessimista é quem decidiu não fazer nada para mudar as coisas porque, segundo a sua lógica, nada irá mudar. Só que o otimismo racional, não o inconsciente, pode impulsionar-nos — não por um desígnio divino, mas pela vontade de arranjarmos o que estragámos, sabendo que ainda há algumas peças que podem ser reparadas. Não há ação sem esperança. Mas temos de o fazer como sempre se fizeram as únicas coisas que deram resultado, ao longo da nossa História: juntos. Para isso precisamos de recuperar a consciência de espécie, sem esquecermos que formamos um todo com a Natureza e que nem todas as pessoas têm a mesma responsabilidade sobre a nossa pegada e, portanto, sobre a sua redução.

Tudo indica, segundo o relatório do Centro de Estudos Hidrográficos do CEDEX, que a Espanha húmida — onde se encontram

alguns dos pontos de maior pluviosidade da Europa — continuará a ser húmida, embora a precipitação diminua, e que a Espanha seca — onde estão as zonas mais áridas do continente — será cada vez mais seca. A previsão da Agência Europeia do Ambiente é de que a Península Ibérica venha a ser o lugar da Europa que sofrerá maior desertificação nos próximos anos. O descontrolo do regadio, a sobre-exploração de aquíferos, a degradação do solo e o abandono da terra, juntamente com uma alteração climática que provoca secas cada vez mais intensas e prolongadas, estão a aumentar o risco de desertificação de 75 % da península, segundo o WWF. Pertença a uma geração que começou a assumir que tem de partir em breve, porque tudo indica que a Espanha seca poderá transformar-se num deserto durante este século. Na verdade, isto não é novidade para quem cresceu nela; durante toda a minha infância, sonhei com o futuro rodeada do verde do Norte, até mesmo antes de o conhecer. Só quando tentei concretizar esse sonho percebi que idealizara uma coisa que não era para mim, e que talvez a aridez também influencie o nosso vínculo com a terra. Tenho um amigo galego que ouve gravações da chuva quando está longe de casa para afastar a melancolia. Já eu enchi uma garrafa de água vazia com areia do Sara, ainda a guardo para nunca me esquecer do que senti no deserto, e creio ter encontrado o meu lugar numa vila cuja história está marcada por uma oração a pedir chuva. Será que a sede também condiciona aquilo que sentimos como nosso lar? «Somos esta terra; esta terra vermelha; e somos os anos de inundação, os de pó e os de seca. Não podemos começar de novo», diziam os Joads em *As vinhas da ira*.

Imagino que com a língua se passe algo semelhante. Dizem que os galegos têm entre setenta e cem palavras para nomear a chuva. Não temos tantas na Espanha seca, porque não fazem falta, mas contei por alto quantas há para o alcaçuz e, se contar com «umbigo de morto», que foi o nome que o meu avô inventou,

e com o nome científico (*Glycyrrhiza glabra*), dá-me trinta e nove. Como cresci rodeada de guloseimas suculentas e coloridas numa banca do mercado, nunca percebi por que razão o meu avô tinha sempre na boca uma coisa tão feia e tétrica. Mas chupar essa raiz era a sua forma de acalmar a sede e de não fumar. A *Glycyrrhiza glabra* não cresce necessariamente nos cemitérios, mas sim perto dos rios. Parece que o alcaçuz, a que chamam «chocolate de mouro» em certos sítios, é originário do norte de África e do sul da Ásia. Antigamente era mastigado para aliviar problemas respiratórios, para fortalecer os músculos e os ossos e para suavizar a pele. Foi utilizado por gregos e romanos, sobretudo com uma outra finalidade atestada em vários autores da Antiguidade: combater a sede.

Hegel acreditava que as pessoas acabam por se parecer com a sua paisagem e com o seu clima, mas é preciso descobrir o que terá acontecido antes, porque, para permanecerem, os manchegos tiveram de adaptar a paisagem e a gastronomia às suas necessidades hídricas numa região cujo topónimo pode significar «terra seca». Eu venho de um lugar, de uma paisagem e de uma cultura que moldaram e, possivelmente, nomearam a escassez de água. Aí os cereais desenham figuras geométricas, é um *patchwork* se visto do céu. Venho de um lugar onde há milhares de anos os meus antepassados enfrentaram e ultrapassaram uma das piores secas da História.

Há muito menos tempo, os seus descendentes viram uma ribeira ser tapada com cimento e deixaram de contar uma história antiga. Um dia, quando esse riacho ainda estava à vista, alguém avistou um vulto a boiar na água, na parte de cima da aldeia, onde ficava o território das mulheres: o lavadouro. As expressões de surpresa levaram a pensar que tinha ali aparecido uma baleia. Descia a um ritmo tão lento que o avistador de baleias manchegas conseguiu fazer constar que o cetáceo se aproximava da praça. Puseram-se ali vários homens à espera e dispararam quando

finalmente a tiveram ao alcance das espingardas. Mas não era uma baleia. Eram, tal como o crocodilo de Pisuerga, as albardas de um burro. As pessoas da aldeia contavam isto, mas a história perdeu-se há tanto tempo que já ninguém sabe se foi uma lenda, uma anedota ou uma alucinação. A baleia da ribeira de Terrinches foi como a de Sequillo e a de Manzanares, e é por causa dela que os madrilenos passaram a chamar-se «ballenatos». Versões parecidas desta mesma história repetem-se noutras povoações da Espanha seca por onde passa um rio ou uma ribeira. Enquanto escrevo, corre diante de mim o rio Guadalope. Aqui, a mais de quinhentos quilómetros de Terrinches, também se conta como sendo de cá a história da baleia que, na verdade, era uma albarda cheia. E um dia chegou mesmo a atravessar o oceano, embora seja difícil saber em que direção, porque num conto yamaná (no Chile) os protagonistas também decidem caçá-la.

Segundo um relatório da ONU, a seca matou seiscentas e cinquenta mil pessoas nos últimos cinquenta anos. E calcula-se que em 2023 haja setecentos milhões de pessoas deslocadas pela seca. Seca? Prefiro dizer sede e não seca porque por vezes, quando falamos da seca no mundo, omitimos a violência, a sobre-exploração e a má gestão dos recursos. Falamos pouco da fome que assola atualmente o Corno de África, lugar de onde possivelmente partiram os nossos antepassados, talvez empurrados pela sede ou pela fome. A escassez de chuva durante quatro anos e a sua ausência durante meses secaram as plantações, mataram o gado, puseram em risco a vida de milhões de pessoas e obrigaram-nas a deslocar-se. Falamos ainda menos das suas causas e, quando o fazemos, dizemos seca ou fome. Num texto intitulado *Seca não é sinónimo de fome*, os Médicos do Mundo escrevem:

Não há dúvida de que existe uma relação direta entre a seca prolongada e a fome. Mas também é certo que são necessários outros fatores para que a segunda aconteça. [...] é fundamental termos em conta outro tipo de causas como a guerra, o poder tirânico que muitos governos exercem sobre os seus habitantes, a má gestão dos recursos, a desigualdade económica determinada pela atual ordem económica ou a desflorestação em massa de florestas tropicais para podermos explicar factos que *a priori* seriam atribuídos unicamente à providência meteorológica ou à adversidade da situação geográfica de um país.

A sede raramente caminha sozinha. Mas neste livro é protagonista. Quando digo sede, não falo apenas de uma necessidade fisiológica que mata muito mais do que qualquer outra, falo da ausência de água, da necessidade de dominá-la e de retê-la, de uma busca que nos trouxe ao local onde estamos e do desejo de voltar a casa, porque a água é o que somos e na sua ausência, ausenta-se o ser humano.

A sede foi um dos motores da humanidade. Estudos recentes encontraram-na na origem da partida dos romanos, da queda dos visigodos e da chegada dos árabes a esta terra onde escrevo. Depois de nos fazer deslocar, de nos prender à terra, de nos empurrar para os rios e de nos fazer acreditar que podíamos alterar a Natureza sem consequências, a água marcou presença na primeira guerra de que há registo. Teve também um papel mais ou menos relevante nas revoluções cognitiva, agrícola, científica, francesa e industrial e no advento da inteligência artificial, através da qual talvez acabemos a lutar por esse recurso cada vez mais exíguo. Nem sequer é evidente que um *chatbot* precise de água para funcionar, mas sempre que nos responde a dez perguntas *bebe* aproximadamente um litro. Calcula-se que,

com a disseminação do seu uso, poderá quintuplicar o consumo de água. Por outro lado, a inteligência artificial está a melhorar as condições da água em alguns campos de refugiados.

Todas as grandes revoluções que levaram a interromper o curso de rios e a secar aquíferos para obter água, comida e eletricidade já tiveram um impacto sobre uma das razões pelas quais temos chuva e não morremos de frio nem de calor. A nossa sede consegue alterar o movimento da Terra, como aconteceu com os poços e a barragem das Três Gargantas, na China, que alberga a maior central hidroelétrica do mundo. Os especialistas dizem que não nos afetará, que essa monumental quantidade de água acumulada está apenas a prolongar os dias em 0,06 microssegundos e que a extração maciça de água dos aquíferos só deslocou o eixo de rotação em oitenta centímetros numa década. Afinal, sempre é verdade que altera. No entanto, se as alterações climáticas dependem, em grande medida, de variações deste tipo, como podemos ter a certeza de que a nossa sede não influenciará o clima de um futuro que não chegaremos a conhecer?

Digo sede e não seca também para dar à escassez de água o lugar que merece na História sem os excessos do determinismo ambiental, que atribui ao ser humano o papel de marioneta nas mãos do clima. A partir da revolução agrícola, os nossos antepassados passaram a depender do clima mais do que nunca, porque se tornaram súbditos da chuva, e foi nessa altura que a nossa espécie começou a imprimir a sua pegada como nunca antes fizera. Mas a seca foi apenas uma das causas do que aqui se conta. A seca só por si não provocou revoluções, mas derivou frequentemente em fome extrema e epidemias que colidiram com o despotismo.

Este não é um livro de memórias nem um ensaio, mas sim um híbrido. A partir de recordações de infância relacionadas com a aridez, tentei compreender por que razão em La Mancha o vinho, o pão, o azeite e o toucinho estão omnipresentes. De onde viemos e porque partimos. Porque parámos e começámos a pedir

chuva às divindades. Por que razão tantas greves de fome foram precedidas por anos de seca. Por que motivo está tão presente na minha vila um lavrador que, ao que parece, viveu em Madrid há novecentos anos. Como tentámos controlar a chuva e reter a água, tanto com métodos tradicionais como científicos.

Na primeira parte, algumas histórias da minha família levaram-me a traçar a viagem da humanidade, mais exatamente desde África até à Península Ibérica, onde viveram todos aqueles que consigo nomear entre os meus antepassados. A sede foi uma força migratória mais potente do que o amor e levou-nos a constantes deslocações, até que ficámos relativamente parados e começámos a cultivar a terra e a olhar para o céu na esperança de que chovesse. Mas antes de chegar à La Mancha pré-histórica, onde provavelmente nasceu a primeira empresa hídrica da Europa, deter-nos-emos no Crescente Fértil. Esse foi um dos locais onde o ser humano descobriu que podia cultivar a terra e ficou quieto à espera da chuva, até que aprendeu a irrigar. Veremos como vários arrefecimentos acompanhados de aridez durante o primeiro Holoceno foram deslocando diversas tribos, que lentamente se fixaram junto aos poucos rios caudalosos da época. Veremos também como a sede poderá ter levado os refugiados climáticos a fundar civilizações que conseguiram estabilizar uma linguagem até então eminentemente fugaz. Cidades, reinos e até o primeiro império pereceram em grande parte devido a um dos episódios de aridez mais graves e prolongados em lugares tão distantes como a Mesopotâmia, o vale do Indo e o atual Peru. Entretanto, os manchegos pré-históricos, entre os quais já viviam os yamnas, continuavam a sobreviver porque extraíam água subterrânea, até que chegaram as inundações.

A segunda parte começa com aquelas que poderão ter sido as primeiras interpretações das constelações, que precederam as divindades da chuva: animais, depois deuses antropomórficos e, por fim, pessoas. A resposta à sede não foi apenas a fé

e a súplica, por vezes foi também o castigo para quem controlava ou dizia controlar a chuva, quer fosse um rei-deus, um xamã, uma bruxa, um santo ou um meteorologista. Os últimos capítulos debruçam-se sobre as técnicas tradicionais para controlar a chuva, sobre as ciências que as foram substituindo e sobre aqueles que começaram a estudar o céu para dar nome às nuvens, prever tempestades, medir a intensidade da chuva e o tamanho das gotas.

Por fim, pesquisei a memória familiar e os registos paroquiais para elaborar uma árvore genealógica em que voltei a tropeçar na sede e numa «pertinaz seca», que talvez não tenha sido tão pertinaz nem tão grave que pudesse provocar fome. Também fui à nova Riaño para saber que brinquedo levou consigo a criança do telhado antes de lhe inundarem a casa. Porque os afogados e os sedentos, exilados pela sede, partilham o destino e a dor. Como lhes chamaremos a partir de agora, se cada vez serão (seremos) mais?

Tentei sempre que esta história fosse além dos homens brancos europeus que eclipsaram os outros; tentei que não se limitasse às pessoas, porque também o camelo, a gazela e a perdiz tiveram de aprender a combater a sede; tentei transcender a elite científica e as cidades, porque a sabedoria popular das mulheres e homens do campo não só não é incompatível com a ciência, como pode ser o seu ponto de partida, uma vez que há ditados populares cujos ensinamentos podem ser provados cientificamente.

Esta viagem levou-me a debates passados e presentes em antropologia, paleontologia, climatologia, genética e, sobretudo, arqueologia. E isso transportou-me, em sentido figurado, para outros locais sedentos do mundo que nos permitem vislumbrar parte de um todo e que fazem a ligação com o ponto de partida. Sendo jornalista e antropóloga social e cultural de formação, tive de esforçar-me para compreender e transmitir de forma acessível algumas ideias e conceitos que não conhecia quando comecei a escrever, e tive de obter formação em antropologia pré-histórica.

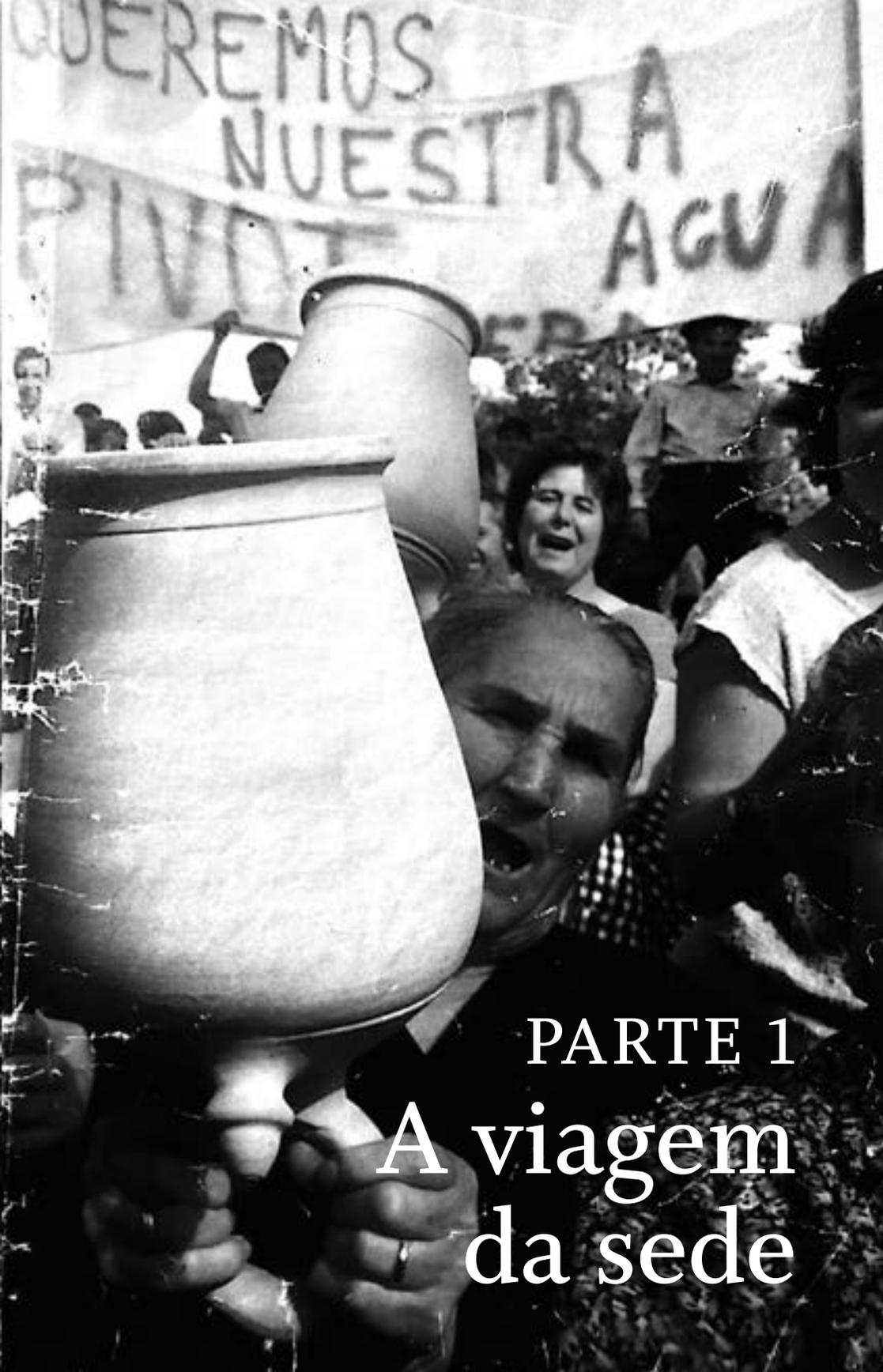
Por isso, e porque quis facilitar a leitura a quem não está familiarizado com algumas áreas do conhecimento, omiti alguns nomes, dados e datas. A maioria dos cientistas, divulgadores e divulgadoras sem os quais eu não poderia ter escrito estas páginas aparecem citados na bibliografia final e, em alguns casos, também nos agradecimentos, porque me ajudaram a esclarecer dúvidas. Com isto pretendo dizer que qualquer erro que exista é apenas meu, e que pouco mais fiz do que partilhar o meu espanto conforme procurava respostas para as minhas perguntas e me cruzava com a sede em lugares remotos e nos momentos mais importantes da humanidade. Frequentemente, tive de travar o meu entusiasmo porque, olhasse para onde olhasse, encontrava a sede. É que a sede é para os humanos aquilo que a noite é para o dia.



En Villanueva de la Fuente el «duque» los dejó secos

«¡TENEMOS SED!»

Villanueva de la Fuente (Ciudad Real) ha sido pueblo rico en agua. Pero desde hace tres años escasea, a raíz de que se pusiera en cultivo "El Cuartico", una finca de mil hectáreas cuya explotación dirige un hijo del Duque del Infantado. Unos pozos abiertos allí secaron los acuíferos.



PARTE 1
A viagem
da sede

Toucinho do céu

Nenhum rasto de humidade, nenhuma memória da água vinha salvar-nos do jogo de reflexos sedentos.

ELENA GARRO, *Los recuerdos del porvenir*

A casa onde conheci a sede é uma cápsula do tempo. Ali ficaram o depósito, a bilha, as velas que nos iluminavam quando não havia luz e um cantil de pastor que o meu avô Pedro fez com uma cabaça. Furou-a, esvaziou-a, tirou-lhe as sementes, secou-a e no orifício pôs-lhe uma tampa de cortiça. Era desse cantil arcaico, que levava sempre pendurado por um cordel, que bebia água durante as suas longas jornadas no campo. É curioso que a palavra «calabaça» venha de «cal-», que significa refúgio, casa, concha.

Embora não se dessem especialmente bem com a aridez, as cabaças sempre foram usadas para acalmar a sede tanto em La Mancha como no Iucatão quando a seca era asfíxiante, pouco antes da queda do Império Maia. Pata de Jaguar, o protagonista de *Apocalypto*, o filme de Mel Gibson, andava com uma dessas cabaças que no México se chamam *guajes*. Ali, há quase dez mil anos, já se cultivava a *Lagenaria siceraria* para ser transformada em *guaje*. Foi uma das primeiras plantas

que o ser humano domesticou e aparece como o primeiro cultivado nos mitos dos navajos. A textura, o sabor e a dureza dos seus frutos não os tornavam apetecíveis, mas, como armazenavam bem a água, continuaram a plantá-los para transformar os frutos em recipientes. Devido à sua capacidade de flutuar no mar durante anos sem que as sementes se estraguem, acredita-se que tenham viajado sozinhas a partir da América. Alcançaram uma tal importância que há milhares de anos acompanhavam alguns mortos nos seus túmulos em lugares tão distantes entre si como o Peru e o Egito.

Na minha vila, havia um homem que aprendeu a dar-lhes outro uso e as transformou em arte. Um dia encontrei Juan Molinero na rua com a navalha na mão. Estava a abrir uma cabaça seca. Embora em La Mancha as cabaças cresçam sem mais ambição do que a de se tornarem cantis, o vizinho da minha avó estava a transformá-la num candeeiro. E não era o primeiro. A sua casa era um insólito museu, a abarrotar de cabaças que se tinham transformado noutras coisas. Juan contou-me nesse dia que fora um dos muitos homens da terra que tinham participado como figurantes na rodagem de *Espártaco*. Eram os escravos que lutaram por Espártaco (Kirk Douglas), o trácio que se sublevou contra a República romana arrastando multidões e que uma série recente transformou em «fazedor de chuva». Entre os milhares de pessoas que aparecem na cena mais famosa do filme de Stanley Kubrick, estava grande parte do Exército espanhol e também o Juan. O realizador conseguiu rodar a cena porque aceitou a condição imposta por Franco: os soldados podiam participar desde que nunca aparecessem mortos no ecrã. E lá foram eles, a troco de uma sanduíche e de um punhado de pesetas.

Juan não me falou só de cabaças que brilham na escuridão e de superproduções cinematográficas. Partilhou também uma história que para mim era disparatadamente divertida e que para ele era uma questão de vida ou morte. Gabava-se de ter tido sempre uma saúde de ferro e só se lembrava de ter estado uma vez

internado no hospital. Um dia, as enfermeiras trouxeram-lhe um iogurte e Juan explodiu: «Onde é que está o osso disto?», reclamou. Mas o que ele queria não era o osso. Depois de dar muitas voltas à conversa, e já a roçar os limites do desespero, decidi realizar uma proeza quixotesca e começou a correr. As enfermeiras perseguiram-no pelo corredor fora, mas ele conseguiu fugir do hospital sem que o apanhassem e cumpriu o seu objetivo: voltar à vila para comer uma fatia de toucinho em casa.

Além desta história, descobri também naqueles dias que uma das minhas vizinhas tinha um dom excepcional para a alquimia culinária. Ouvi-a contar que todas as tardes preparava uma «sanduíche vegetal» para o filho. Punha-lhe queijo e *bacon*, mas nunca se esquecia de acrescentar um pouco de alface e tomate. Não há ninguém que não conheça essa magia ibérica das saladas «vegetais» com atum, que são vegetais porque levam um pouco de alface e tomate. Em poucos dias, percebi que a obsessão da minha família pelo toucinho era mais do que uma questão de gosto pessoal e que, se os habitantes de Terrinches foram à rodagem de *Espártaco* em troca de uma sanduíche, esta teria com certeza carne e não seria propriamente magra.

A minha avó Araceli professava uma tal devoção por um recanto da sua casa, que mo tinha vedado. Era uma despensa que cheirava a toucinho rançoso. Como eu era pequena, não tenho vergonha de contar que um dia a fechei ali e fui para a rua, orgulhosa por tê-la deixado sozinha com aquela paixão que protegia com tanto empenho. A minha recordação cheira a laranjas, e talvez eu me tenha posto a lanchar calmamente enquanto ela suplicava que lhe abrisse a porta da despensa. Quanto à minha avó Francisca, pode faltar-lhe tudo na vida menos um pedaço de toucinho em cima de uma fatia de pão ao jantar, a navalha e várias mortaldas prontas. Ela encarna o suplício de qualquer neta vegetariana ou celíaca. Como estou entre as segundas, uma vez ofereceu-me chouriço para molhar no leite porque

não encontrou nenhum bolo sem glúten no padeiro da aldeia. Eu recusei, mas ela não desistiu e ofereceu-me presunto. É costume aconselhar-me a reduzir a ingestão de vegetais, porque considera que isso é coisa para mulas e vacos (é o nome que dá aos bois). Entre os seus comentários depreciativos sobre certos alimentos, que assustariam qualquer nutricionista, encontram-se frases como a do seu vizinho, por exemplo «isso não se cola ao rim». Não sei se em La Mancha haverá alguma casa que não tenha no frigorífico um *tupperware* com enchidos para oferecer como sobremesa a quem tenha ficado com fome. Embora ali isso nunca aconteça. No livro *Good to eat*, Marvin Harris conta que as aldeias e regiões estudadas pelos antropólogos revelaram uma obsessão recorrente por carne porque isso ajuda a reforçar vínculos.

Pouco importa se os ovos mexidos chamados *duelos y quebrantos* que D. Quixote comia aos sábados eram realmente um prato manchego ou uma invenção de Miguel de Cervantes, porque continha o principal ingrediente para ser real. Tirando as lentihas das sextas-feiras e os pombos dos domingos, os pratos mais recorrentes em *Dom Quixote* levam toucinho. A marmita dos restantes dias era um cozido e o prato mais leve não era uma salada com bocadinhos de polvo e camarão, mas sim os restos refogados com cebola e toucinho. Ou seja, gordura com gordura, numa terra onde também não se desprezam as migas com pão. Depois aparece um arroz *empedrado* que leva torresmos. E um *morteruelo* com o seu belo toucinho entremeado. O guisado de D. Quixote, semelhante ao *morteruelo*, remata também com o ingrediente estrela. Não é claro se no *Dom Quixote* há fatias de entremeada dispostas sobre as migas ou sobre as papas a que chamam *gachas*, mas hoje em La Mancha não podem faltar. As *gachas* com que os nossos avós enganavam o estômago em épocas de fome são hoje o prato preferido dos seus netos nos raros dias de chuva. Cervantes escreveu *Dom Quixote* em plena Pequena Idade do Gelo. Aproximadamente durante quinhentos anos, o frio e a seca

dominaram grande parte do mundo. Talvez por isso (e porque decorre no epicentro da Espanha seca) só às vezes chove no romance, e dois dos melhores capítulos começam com a sede dos protagonistas e com uma prece *pro pluviam*. Embora venhamos a retomar a época de *Dom Quixote* quando for oportuno, convém referir desde já que naquele tempo chamavam ao suíno *puerco* ou *cochino*, e Espanha estava dividida entre porcófilos e porcó-fobos, o que normalmente dependia de serem cristãos-velhos ou cristãos-novos. Eram os defensores da tortilha com cebola e sem cebola do Século de Ouro, e costumavam pedir desculpa quando pronunciavam o nome desse animal tão amado como odiado.

É revelador o caso de um investigador recente que se atreveu a criar a sua própria piza com um toque manchego: o *fuet* de melão. Embora o seu objetivo fosse reduzir o consumo de toucinho a bem das artérias e não irritar a minha avó, o estudo conta já com duras críticas dela: «Isso é para envenenar as pessoas. Que medo. Não compres isso enquanto não estiver tudo muito bem esclarecido.» Falamos de um lugar eminentemente porcófilo onde o melão é apreciado, sobretudo se for de Tomelloso, mas nem por isso se apreciam as derivações em que o toucinho é sacrificado. As pessoas como a minha avó têm as suas razões para comerem o que comem, para preferir o que se «cola ao rim». O pós-guerra teve efeitos inegáveis, mas essas razões são mais antigas.

Quando La Mancha deixou de ser um deserto demográfico, no século XII, as pessoas que povoaram a região fizeram do azeite o centro e a base da sua gastronomia. Era um bom sítio para o olival. Na verdade, a azambuja, que é uma oliveira em estado selvagem, apareceu nas florestas mediterrânicas há cerca de cento e cinquenta mil anos, em condições ainda mais áridas do que as atuais. Mas o povoamento cresceu, o azeite escasseou e durante uns tempos foi necessário trazê-lo da Andaluzia. Havia terra suficiente para que o olival, muito resistente às secas, pudesse crescer, e a partir do século XVIII foi o que aconteceu. Quase todos

os pratos a partir dessa altura contêm a sua outra santíssima trindade: pão, azeite e toucinho. A culinária manchega foi-se sofisticando a partir desta base, sobretudo graças à expansão do olival. A primeira jota manchega que aprendi a dançar resume os alicerces da gastronomia da minha zona: «À La Mancha manchega, / que haja muito vinho, / muito pão, muito azeite / e muito toucinho.» A vinha, o olival, o porco e os cereais, todos eles, cada um à sua medida, proliferaram porque conseguiam resistir ali, juntos, e reconfiguraram a paisagem manchega.

Embora já se cultivassem nessa altura em La Mancha algumas batatas, estas foram rejeitadas em certas zonas de Espanha e da Europa porque, segundo dizem, houve um espanhol que teve a ideia de prová-las cruas, com casca e terra, e depois fez correr o boato de que aquilo não se podia comer. Os meus antepassados descartaram o peixe durante séculos porque o mar estava longe e viraram-se para a carne com um prazer herdado pelas minhas avós. Mas chegaram os caminhos de ferro e, com eles, os abençoados bascos que propiciaram a criação de novos pratos manchegos, graças ao bacalhau seco que nos trouxeram. Nasceram nessa altura, para alegrar o paladar e a nomenclatura gastronómica, o *atascaburras* e o *tiznao*.

É curioso o papel que o antropólogo Marvin Harris atribui indiretamente à sede quando fala de tabus alimentares e das suas motivações. Embora o porco tenha sido domesticado no Próximo Oriente quando as pradarias ainda não tinham substituído algumas florestas extensas, um animal que precisava de sombra e de água em abundância, e que além disso não dava leite nem roupa, transformou-se num grande rival dos seres humanos, sobretudo em tempo de seca numa terra cada vez mais desflorestada.

Ao explicar as razões pelas quais a Bíblia e o Alcorão condenaram o porco, e ao enumerar as razões sucessivas pelas quais as vacas continuam a ser sagradas na Índia, Harris fala da mesma coisa: de como incluímos ou descartamos na gastronomia certos alimentos em função do que a aridez nos permite. Tanto os israelitas como os primeiros seguidores de Maomé viviam em lugares desérticos, e é inevitável questionar se um camponês hindu não comeria a vaca que lhe podia dar mais bois se não dependesse deles para lavrar uma terra arrasada por secas cíclicas, ou se um muçulmano comeria porco caso os seus antepassados não tivessem tido necessidade de competir com esse animal pelos recursos em zonas semidesérticas ou naquelas onde a agricultura era inviável porque quase não chovia e a rega era impraticável. Mas também é possível que, paradoxalmente, uma sociedade seja porcófila em terras áridas e a sua religião proíba a carne em momentos pontuais, ou que por questões identitárias o porco continue a ser tabu entre judeus e muçulmanos que já não vivem no Próximo Oriente.

Fará então algum sentido que o porco ocupe um lugar relevante na gastronomia de uma terra seca? Talvez sim, talvez não. Embora à primeira vista pareça uma opção pouco ou nada adequada, cumpriu a função social que vimos há pouco no *Dom Quixote* e é uma das fontes de proteína animal mais acessíveis. Além disso, a importância do porco reside no facto de um só animal, de que «até os pés se aproveitam», poder alimentar uma família inteira durante um ano. Por outro lado, convive bem com cabras, ovelhas e plantações que toleram uma certa aridez. Mas é possível que haja outra explicação que não salta à vista. Normalmente associo as dietas ricas em gordura aos climas frios porque às vezes também me esqueço da sede, mas pode ser que a obsessão mancheira com o toucinho esteja relacionada, até certo ponto, com a acumulação de gordura na bossa dos camelos. Os antepassados dos camelos migraram da América para a Eurásia e para África durante as glaciações. Enquanto no seu espaço original se extinguiram,

no seu novo espaço adaptaram-se a condições extremas. Tanto eles como os australopitecos, nossos antepassados, desenvolveram em África uma deslumbrante capacidade para acumular gordura apenas para sobreviver num ambiente hostil e eminentemente seco. Ao contrário de outros macronutrientes, a gordura não precisa de água para se acumular no corpo. E como se isso não bastasse, ao ser metabolizada não só se transforma em energia como se transforma sobretudo em água. A ideia de que os camelos têm a bossa cheia de água é um mito, mas não totalmente. Da mesma forma que têm três pálpebras e a capacidade de fechar as fossas nasais quando enfrentam uma tempestade de areia, acumulam gordura nas bossas, o que dentro de um corpo sedento equivale a dizer água. É a água metabólica produzida pela oxidação dos lípidos. Isso, juntamente com o enorme depósito interno de água (conseguem beber até cento e catorze litros de uma só vez) e a capacidade que desenvolveram de defecar em seco, permite-lhes sobreviver durante dias, semanas e meses no deserto, sem comida e sem água.

Há também exemplos no comportamento de alguns animais e plantas que não só revelam evolução, mas também aprendizagem. Enquanto o sapo *Cyclorana platycephala* e algumas tartarugas do deserto armazenam água em todo o corpo e podem viver sem ela até cinco anos, o coala não bebe água e contenta-se com a que retira das folhas do eucalipto, e o escaravelho do deserto da Namíbia extrai-a do nevoeiro, coisa que, ao que parece, os humanos demoraram mais de dois milhões de anos a descobrir. O sapo-de-unha-negra é um ser fascinante nesse sentido: encolhe-se e enterra-se a si mesmo durante meses para reter a água em épocas de seca e só volta à superfície quando sente a proximidade da chuva. O peixe-pulmonado-africano, por seu turno, consegue sobreviver sem água apesar de ser um animal aquático. Vive em pequenos charcos e quando estes secam cava caminhos na areia e cobre-se completamente de limos para reter a humidade. Fica então a dormir até que a proximidade da chuva o acorde.

**POR DETRÁS DO QUE FOMOS, SOMOS E SEREMOS,
ESTARÁ SEMPRE A BUSCA PELA ÁGUA.
ESTARÁ SEMPRE A SEDE.**

A sede persegue-nos e impele-nos. Faz parte da nossa história e também do nosso ADN, da nossa memória e do nosso futuro. Empurrou os nossos antepassados para fora de África e fixou os seus descendentes junto dos rios caudalosos que restavam. É possível que nos tenha ajudado a inventar o pão, mas também nos fez conhecer a fome. Assistiu ao nascimento e à queda de civilizações. Levou-nos a olhar para o céu, a unir estrelas, a adorar deuses da chuva.

Esta história começa no centro de Espanha, em La Mancha, um dos pontos menos chuvosos da Europa. Foi aí que, há milhares de anos, surgiu a primeira sociedade hidráulica deste continente, onde a escassez de água deu lugar a videiras, oliveiras e cereais. Em *Sede*, a jornalista e antropóloga Virginia Mendoza conta-nos uma história de sobrevivência, adaptação e evolução do ser humano, e relembra-nos os desafios que se prefiguram no nosso horizonte. Porque a sede une-nos, divide-nos e não deixará nunca de nos acompanhar, pois somos água em busca de água.

«Quanto conhecimento, que capacidade para interligar
e explicar o que aparenta não ter qualquer relação.
Um prazer intelectual.»

Irene Vallejo, autora de *O infinito num junco*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

editoraobjectiva

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-556-0



9 789895 835560